

Você sabe com quem está falando?

J. Roberto Whitaker Penteadado

Infelizmente, com certa frequência, a minha resposta é Não.

É também verdade, que não me fazem muito a pergunta, pois anos de prática forçada aperfeiçoaram-me a capacidade de disfarçar que sei - e muito bem - com quem estou falando.

Não sei se o leitor compartilha dessa minha dificuldade. Dia desses, na Ponte Aérea, um passageiro, duas poltronas à frente, saudou-me com um grande sorriso, ao qual retribuí - e passei o resto da viagem tentando lembrar quem era. Na chegada, esgueirei-me entre os primeiros a deixar o avião, para evitar dissabores.

Creio que a primeira vez em que isso me ocorreu, trabalhava num grande banco e o homem careca que me cumprimentou (e retribuí, perplexo) era o chefe do meu departamento. Verdade que estávamos na praia e, de calção, não reconheci o homem que via diariamente de terno e gravata. Pensei que era só isso. Mas não era.

Coleciono intimamente episódios gloriosos de não saber com quem estou falando - ou de confundi-los. Uma vez, cumprimentei efusivamente o maitre do Scotch Bar, em SP, e fui sentar-me com o amigo com quem almoçava, comentando: - Viu quem está aqui? O Victor Civita. Meu amigo, que havia trabalhado na Abril, limitou-se a olhar-me, penalizado. Outra vez, num jantar, perguntei ao senhor distinto, sentado ao meu lado, o que fazia. - Sou deputado. Num relance, reconheci o deputado Herbert Levy. Mas já era tarde.

Há outros. No lançamento de um livro do saudoso Carlito Maia em que havia muita gente da Globo, quis saber em que departamento trabalhava a linda moça que esperava, na fila, o autógrafa. - Sou atriz, esclareceu. Fiquei tão arrasado, que até hoje não sei quem era. Na Ponte Aérea, de novo, comentei uma notícia do jornal com o - então - jovem e simpático negro, de fisionomia familiar, que sentara do meu lado. Ainda bem que ele, Gilberto Gil, não me conhecia. E - numa outra viagem - fiquei intrigado sobre como uma moça que viajava era parecida com minha irmã, que mora nos EUA. E era. Estava numa rápida viagem de negócios ao Brasil.

Sabedor do sofrimento que representa essa condição (espero que nos limites da normalidade humana), tenho o cuidado de dizer o meu nome, quando cumprimento pessoas que não consigo identificar de imediato. A maioria retribui (algumas lembrando nossos muitos anos de convívio recíproco), mas há quem se surpreenda. Também sempre tive inveja do Paulo Maluf, que - dizem - tem assessores especialmente treinados para dizer-lhe, ao ouvido, quem são as pessoas com quem vai falar. Mas ele, além de político, é milionário...

As vezes, racionalizo, e penso nos 1785 nomes que estão na agenda do meu computador. Lembro-me de que qualquer pessoa medianamente bem-relacionada nunca está a mais de 6 pessoas de poder fazer contato com o presidente Bush, ou com o Saddam Hussein (quem é aquele gordo de bigode, com cara de árabe?) - e que as probabilidades de se ter um amigo comum com o companheiro de assento, na Ponte, são de 50-50. Os japoneses acham que somos todos muito parecidos; como uso óculos, também posso alegar miopia, e por ai a fora. E gostaria de perguntar, honestamente, ao amigo leitor: será que só eu tenho esse problema?

PENTEAADO, J. Roberto Whitaker. Você sabe quem está falando? **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, nov. 2002. Disponível em <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=420&ID=119>>. Acesso em: 31 mar. 2010.